

O que contam os caminhos das águas?

Pensando a partir de experiências artístico-pedagógicas entre México e Brasil

Alice Lima Nin¹

Resumo

Frente a renovada ofensiva extrativista por Abya Yala, este trabalho parte da criação coletiva de um material chamado “Cartas D'água”, uma experiência política, artística e pedagógica realizada entre México e Brasil. O objetivo é refletir sobre a importância de dar-se conta da interdependência ecológica, em especial a interdependência com corpos de água, para retomar a autodeterminação dos povos e a construção da vida em comum. As Cartas D'água nos contam sobre pedagogias de retomada, pedagogias reconstrutoras, seus caminhos e relações, situados, particulares, diferentes (e antagônicos) aos propostos pelo capital. Mas também nos contam, a partir das águas, sobre como o capitalismo reorganiza a condição de interdependência, tentando ocultar sua relação ontológica com a reprodução da vida na terra. Através das cartas, o trabalho elabora sobre a capacidade de reproduzir a vida comum, em oposição a lógica do valor capitalista, percorrendo diferentes escalas e caminhos de interdependência entre seres humanos e mais-que-humanos.

Palavras-chave: Ecologia Política, Educação Popular, Retomada, Interdependência.

¹ Mestre em Estudios Latinoamericanos pelo Programa de Posgrado en Estudios Latinoamericanos da Universidad Nacional Autónoma do México (UNAM).

Introdução

Esse trabalho é parte do desdobramento da pesquisa de mestrado titulada "Tejiendo insurgencias junto al río Tapajós: Interdependencia y politicidad en las luchas por la defensa de la vida en la Amazonía brasileña" (Lima Nin, 2023), desenvolvida no programa de pós graduação em Estudos Latino-americanos da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). A pesquisa tinha como objetivo refletir sobre como as relações de interdependência com os corpos de água criam linguagens políticas, desde um estudo de caso sobre a defesa do baixo Rio Tapajós, no estado do Pará, Brasil.

Acompanhar várias experiências de práticas educativas no baixo Tapajós permitiu refletir sobre a diversidade de linguagens e ferramentas que a educação popular utiliza na região, e como cada uma delas inclui e disputa, à sua maneira, o rio como território de política, ampliando a diversidade de estratégias de resistência à voracidade capitalista e extrativista no Tapajós. Como uma das formas de materializar a pesquisa para além da dissertação, e de estabelecer uma contribuição mais direta para a prática educativa das minhas interlocutoras, foi elaborado um material artístico-pedagógico em colaboração com educadoras do Instituto Mureru Eco Amazônia (IMEA), para ser utilizado nas oficinas de educação popular realizadas por elas. Trata-se, portanto, de um material orquestrado pelas necessidades que surgiram do encontro com o baixo Tapajós.

O texto segue a estrutura apresentada no congresso, desenvolvendo e aprofundando o que foi debatido no Seminário Temático "Terra viva, terra livre: retomadas, movimentos e alianças contracoloniais no tempo das catástrofes". Por isso, está dividido em três partes: a primeira dedicada a definir do que estamos falando quando falamos de interdependência; a segunda aos gestos de retomada que marcam a disputa pelos termos de interdependência; e a terceira a um mergulho na experiência das Cartas D'água, contando sobre seu processo criativo, sua estrutura, seus desafios e limitações, e fazendo um sobrevoo por duas oficinas realizadas com elas no México, em 2024, respectivamente em Tlalnepantla, no Estado do México, e Coatepec, em Veracruz.

Assim, esse trabalho parte também de um outro encontro fundamental, entre o México e o Brasil. Trata-se de uma experiência marcada pelo encontro com o México, suas tradições de luta e pensamento crítico. Portanto, essa reflexão sobre as Cartas é também totalmente permeada pelos debates mexicanos que pude conectar-me, e existe nesse meio-do-caminho curioso, que é também linguístico: escreve-se entre idiomas e linguagens que se assemelham e, ao mesmo tempo, se distanciam constantemente. Há, portanto, muitas camadas de tradução (para além da língua) que condicionam este trabalho, além do desejo de estabelecer pontes entre a experiência mexicana e a brasileira.

Do que estamos falando quando falamos de interdependência?

"Nadie vive en todas partes, todo el mundo vive en algún lugar. Nada está conectado a todo, todo está conectado a algo."

Seguir con el Problema, Donna Haraway

O ciclo e o pulsar das águas fluviais produzem e são produzidos pela interdependência multiespecífica entre as naturezas humanas e extra-humanas. Ou seja, o pulso dos rios participa na coordenação entre as diferentes formas de vida vinculadas a ele e seus ritmos reprodutivos. A partir dessa perspectiva, poderíamos dizer que, com os rios, surgem mundos multiespecíficos, e que o rio vivo é produzido pelos cruzamentos metabólicos desses organismos construtores, como chama Anna Tsing (2021).

Assim, os diferentes trânsitos (cosmológicos? metabólicos?) entre naturezas — ou encaixes, nos termos de Moore (2020) — configuram condições de interdependência que implicam exercícios cosmopolíticos (Stengers, 2014). O capitalismo, por exemplo, organiza posições (e políticas) entre naturezas humanas e extra-humanas em função de seus interesses produtivos, criando assim uma ecologia-mundo (Moore, 2020).

A interdependência, da forma como a entendemos aqui, diz respeito ao conjunto de relações que tornam possível a reprodução da vida em seu conjunto, tratando-se de uma condição ontológica para a vida (Herrero, 2023; Navarro; Gutiérrez, 2018; Navarro Trujillo; Linsalata, 2021; Orozco, 2014). Desde essa perspectiva as relações fundamentais

para a vida na terra são, portanto, muito mais vinculadas a colaboração e a simbiose do que à competição entre espécies (Margulis, 2022).

Isso não significa que as relações de interdependência se estabeleçam de forma automática e pacífica entre as espécies, quer dizer, essas relações também, e sobretudo, são relações conflitivas. A disputa por suas formas, termos e caminhos é relativa, entre outras coisas, à escolhas (cosmo)políticas. Não se trata, portanto, de relações necessariamente positivas, e muito menos românticas, afinal, o capitalismo também reorganiza a interdependência de acordo com suas necessidades metabólicas (Linsalata, 2020; Moore, 2020). Mas baixo a forma capitalista a interdependência é frequentemente invisibilizada, como se não dependêssemos de seus termos (Herrero, 2023). Perdemos o traço de seus caminhos, de suas histórias. Parece que pela mão da tecnologia capitalista seria possível emancipar-nos dessa rede de relações constitutiva da vida em comum, evadindo consequências e responsabilidades. Assim, muitas vezes esquecemos que existem outros caminhos e encaixes para a vida interdependente, como se não houvesse trajetórias de larga temporalidade que nos lembram dessas outras formas de estar no mundo (Neves, 2022).

Existe, portanto, a necessidade de reconhecer a interdependência entre os seres e, nesse caso, com a água, tornando perceptível a intrínseca relação entre a água e a vida, construindo e reconstruindo continuamente esse vínculo que, à primeira vista, pode parecer dado, mas que na realidade requer muita elaboração e atenção. O material das Cartas D'água busca, através da prática artística e pedagógica, identificar alguns caminhos pelos quais a conexão com os corpos d'água é coletivamente percebida, mapeando as formas de presença e ausência da relação com a água no cotidiano dos territórios, com atenção especial aos esforços voltados à reconstrução sensível de linguagens políticas capazes de reafirmar a autodeterminação dos povos em sua convivência interdependente. Nesse contexto, destaca-se o papel central da Educação Popular como prática criadora de mundos, por meio da qual se torna possível dar a ver a interdependência com o rio e com os mundos hídricos, mobilizando processos de aprendizagem sustentados pela potência do entrelaçamento entre diferentes linguagens políticas, artísticas e afetivas. (Lima Nin, 2023, 2025)

Fica claro que a interdependência constitui o eixo central desta reflexão. E que refere-se ao conjunto de relações produzidas coletivamente entre humanos e mais-que-humanos assegurando a reprodução material, simbólica e afetiva da vida (Navarro; Gutiérrez, 2018). Embora a interdependência seja, “em si mesma” (Orozco, 2014, p. 238), uma condição ontológica da existência, não sendo possível excluir-se ou dissociar-se de suas múltiplas conexões, tais vínculos podem ser sistematicamente ocultados, como tende a ocorrer sob o capitalismo. Assim, conforme propõe Amaia Pérez Orozco, “a aposta política é torná-la visível e construí-la de outra forma” (Orozco, 2014, p. 238). Nessa perspectiva, ainda que a interdependência seja compreendida como uma condição ontológica, segue em disputa as formas, caminhos, e sentidos que lhe são atribuídos.

A interdependência entre seres necessita, portanto, de práticas de cuidado. É preciso cuidar para lembrar desses outros caminhos de interdependência centrados não na reprodução do valor capitalista, mas na reprodução da vida em comum. São essas práticas de cuidado, práticas construtoras, às quais as Cartas D’água se conectam, perseguindo formas de conjurar uma e outra vez a capacidade de forma (Gutiérrez; Navarro; Linsalata, 2016) na ação coletiva, servindo como ferramenta de criação e memória desses outros mundos que perseguimos juntos frente ao tempo de catástrofes que nos tocou viver.

Os gestos ou pedagogias de retomada

Entendendo, portanto, que existem diversas práticas que tem a capacidade de retomar, recriar e reimaginar esses caminhos e formas de interdependermos entre-mundos, nos centramos na recorrente presença dos gestos de retomada, buscando aprofundar um pouco em suas dimensões e sentidos. Retomar, aqui, não está vinculado ao sentido de retorno à um passado que ficou morto e estendido atrás de nós. Retomar, aqui, configura um processo vivo de aprendizagem entre diferentes gerações e formas de vida em comum. E esse processo é ao mesmo tempo muito concreto, material, sensível e afetivo.

Em algum lugar essas retomadas tratam de um esforço por forjar mundos que reconheçam a interdependência como condição para a vida. Sobre o ato de forjar mundos, Renato Sztutman (Sztutman, 2018) aponta que o ato ou atitude de *reclaim*, nos termos de

Stengers, que ele traduz para o português como “retomar” ou “reativar”, é crucial para a proposta cosmopolítica da autora. Em movimento de reapropriação e reativação, pensando na produção, em parte por recuperação, de capacidades e politicidades que permitam que as lutas persistam em “tornar-se capazes de habitar novamente as zonas de experiência devastadas” (Stengers; Pignarre; Goldstein, 2018, p. 188), a partir de movimentos práticos de experimentação coletiva que incluem “curar e reapropriar-se, reaprender e lutar” (Stengers; Pignarre; Goldstein, 2018, p. 188).

Mas o que é que estas pedagogias reativam, reapropriam e retomam? De alguma forma, elas reorganizam a interdependência, disputam seus termos (Navarro Trujillo; Linsalata, 2021), e muitas vezes isso implica outras formas de encaixar o humano e o não humano diferentes das capitalistas (Moore, 2020). Assim, esse deslocamento (em movimento de reapropriação) de encaixes e cosmologias entre naturezas humanas e mais-que-humanas acompanha um constante questionamento da forma capitalista de organizar a interdependência.

Assim, as cosmopolíticas invocadas aqui “passam forçosamente por agenciamentos e conexões entre modos de existência heterogêneos” (Sztutman, 2018, p. 342) permitindo assim destacar também a articulação entre modos heterogêneos de luta e linguagens políticas. Essa exercício cosmopolítico permite visibilizar e experimentar as possibilidades de coexistência entre mundos, e negociá-las, limitá-las, às vezes até impedi-las. Em outras palavras, permite gerenciar contradições e localizar antagonismos: entre quais formas de vida e entre quais mundos é possível produzir coexistências? Quais contradições escolhemos habitar e quais não suportamos? Que mundos devoram mundos?

Talvez esses gestos e pedagogias de retomada estejam justamente disputando esses mundos que devoram (sacrificam) mundos. Como pedagogias de criação coletiva de pragmáticas de luta e, portanto, de recuperação e fortalecimento de vínculos disfuncionais ao capital. Mas nunca no sentido de um retorno ao passado que se perdeu. São práticas de retomada que não significam um retorno ao passado linear de uma suposta “pré-modernidade”, mas exercícios de retomada de capacidades cosmopolíticas de criação e trânsito (guerra?) entre mundos. Pedagogias que tentam recuperar e reativar vínculos que produzem o comum (Gutiérrez Aguilar, 2017) e defendem a interdependência radical com os corpos de água a partir da disputa cosmopolítica.

Em outras palavras, na provocação cosmopolítica que as lutas por retomada fazem, a educação popular surge como um organismo invasor (condutor) capaz de “potencializar encontros, conectar práticas. Reativar aquilo que foi saqueado, o conhecimento que faz o comum, a comunidade – sem cair na ideia de um mundo comum unificado” (Sztutman, 2018, p. 355). Dessa forma, a educação popular acompanha o trabalho a partir de sua capacidade de reorganizar a experiência da interdependência, produzindo e gerenciando experiências políticas de resistência e reapropriação a partir de seu potencial subversivo e criativo.

Essas pedagogias, portanto, estimulam novas linguagens políticas que são centrais em sua pragmática, e essas outras linguagens configuram uma forma de fazer política onde debater a interdependência é central. Linguagens que atravessam diversas corporalidades humanas e mais-que-humanas, marcando um modo de fazer e uma forma de coletividade que desafia, tensiona ou rompe com as mediações capitalistas estado-cêntricas (Gutiérrez Aguilar, 2017; Gutiérrez; Navarro; Linsalata, 2016).

Sobre o baralho de cartas

As Cartas D'água são um baralho cujo objetivo é debater significados e imaginar possibilidades em torno da relação e importância da água em nossas vidas. Deseja reconstruir de forma sensível a percepção coletiva, atualmente enfraquecida e/ou esquecida, sobre a interdependência essencial entre os seres humanos e os corpos d'água como rios, oceanos, igarapés e aquíferos.



Figuras 1 e 2: Cartas D'água.

Fonte: Imagem da autora, 2024

Se trata de um material quimérico e aberto, ao mesmo tempo pedagógico e artístico. Cada baralho contém no total 45 cartas divididas em dois grupos: as **Cartas-Mãe** (15 unidades), que já vêm prontas, e as **Cartas-Abertas** (30 unidades), cartas em branco que serão criadas coletivamente durante o jogo. As **Cartas-Mãe**, por sua vez, são subdivididas em dois grupos:

1. **Casas D'água** (05 unidades): Representam as diferentes escalas e camadas trabalhadas pela metodologia do projeto Escola D'água, sendo elas: **Água-Corpo, Água-Casa, Água-Comunidade, Água-Bioma e Água-Planeta.**
2. **Cartas-tema** (10 unidades): Representam assuntos e temáticas a serem trabalhados coletivamente, sendo eles: **Memória, Cuidado, Saúde, Emoção, Sonho, Desafio, Violência, Arte, Transformação, Futuro.**

A proposta é que as cartas prontas inspirem a criação das cartas em branco, permitindo que parte do baralho seja desenvolvido de forma colaborativa pelos jogadores. O número de participantes varia. No máximo 05 pessoas ou 05 grupos de pessoas.

Dinâmica:

1. Cada pessoa ou grupo tira 01 carta das **Casas D'água** e 01 **Carta-tema**.
2. A partir da combinação de cartas sorteadas para cada pessoa ou grupo, novas cartas são criadas utilizando as **cartas-abertas** em branco. No caso de grupos, cada participante pode criar sua própria carta, ou o grupo pode se unir para criar uma única carta coletivamente.
3. Ao final, as pessoas ou grupos se reúnem para um momento de partilha, onde cada um apresenta as cartas que tirou e explica as novas cartas que criou a partir delas.

Casa D'água + Carta-tema = Carta-aberta

Exemplos de jogadas possíveis:

Casa D'água	Carta-tema	Reflexão	Carta-aberta
Água-Planeta	Transformação	Como a água transforma paisagens e comunidades do nosso planeta?	Desenhos Frases Poemas Palavras-chave Gestos ou Ações
Água-Corpo	Saúde	Qual é a relação da água com a saúde física e mental das pessoas?	Desenhos Frases Poemas Palavras-chave Gestos ou Ações

Essa é apenas uma forma de usar as cartas, é possível adaptá-las como for melhor para cada prática e grupo. Por exemplo, quando acabarem as cartas em branco, as cartas-mãe podem ser usadas junto de cartolinas e papéis, ou ainda para ativar outras ações como a realização de vídeos, entrevistas, conversas, histórias, etc. Na prática, não existe

manual. As cartas estão no mundo para serem movidas conforme as situações e realidades que as encontrem.

O material é inspirado na metodologia do projeto Escola D'água, executado pelo Instituto Mureru Eco Amazônia (IMEA), em Santarém (Pará, Brasil). Partindo da diversidade dos encontros amazônicos para dar corpo às cartas, trazendo proposições e reflexões sobre os mundos hídricos que nos envolvem. O projeto Escola D'água faz parte do programa internacional Swarovski Waterschool, implantado em Santarém em 2014, em parceria com o Earth Child Institute. A partir do ano de 2017, o projeto passou a ser executado e coordenado localmente pelo Instituto Mureru Eco Amazônia e, desde 2022 conta com a parceria da Fundação Amazônia Sustentável (FAS), estando presente em 17 escolas-polos da zona urbana, rural, ribeirinha e de territórios indígenas e quilombolas. A iniciativa busca inspirar as gerações atuais e futuras a adotar práticas de uso sustentável da água, assegurando saúde e disponibilidade de água limpa para todos. A concepção do material foi feita por Alice Lima Nin, Pablo Meijueiro, Fernanda Varella, Cibele Pixinine, Samara Borari, Lucineide Pinheiro, Henrique Ferreira e Mariana Malheiros. O projeto gráfico é do Pablo Meijueiro e da Fernanda Varella.

As cartas, portanto, nesse esforço por recriar esses caminhos onde diferentes formas de vida se conectam com outras, partem também de um esforço por articular desde diferentes temas a complexidade da interdependência e suas múltiplas escalas. Para isso, trabalham com as casas da água, locais onde a água *habita* o tecido da vida. A professora Lucineide Pinheiro, coordenadora do projeto, conta um pouco sobre essa metodologia em uma entrevista:

Nós trabalhamos a partir da água do corpo, até a água do planeta. A água do corpo, a água da família em casa, a água na escola, a água na comunidade, a água no bioma amazônico, e a água do planeta. Então a discussão vai desde como lidar com a água do nosso próprio corpo e tudo que alimenta o nosso corpo, onde está essa água? Localizar, situar, depois entender como essa água é trabalhada na nossa casa, como nós utilizamos a água, como nós percebemos a água. E depois a água na comunidade, que cursos d'água estão próximos a nós? Como nós estamos percebendo esses cursos da água? Ou não estamos? O que fazemos para cuidar

desses cursos d'água, como evitamos sua contaminação? Os abusos que acontecem em torno dos mananciais e tudo mais. Em seguida, localizamos estudantes e professores. Nosso foco é trabalhar a partir da escola com estudantes e professores. (Entrevista com Lucineide Pinheiro, 2022)

Resgato três palavras na forma como ela descreve o trabalho com a água: perceber, situar e localizar. Reconstruir os caminhos hídricos implica reconstruir a capacidade de perceber coletivamente as diferentes escalas e dimensões da interdependência em relação à água na vida quotidiana dos territórios. O que a professora nos diz é que, para perceber a interdependência com a água, é preciso situar, localizar e rastrear esses lugares onde a água habita a vida, contextualizando-os, localizando as particularidades de cada camada de relação, para que possamos observar como a interdependência com a água se articula com a complexidade do tecido da vida, mapeando presenças, ausências e separações.

Jogando as cartas no México

As oficinas realizadas no Estado do México e em Veracruz são interessantes para aterrissar esse processo elaborado a partir do contexto amazônico em outros territórios, mostrando como, através da proposta das Cartas D'água, conseguimos visualizar as particularidades na forma como diferentes lugares vivem a interdependência com a água. Por isso, vamos fazer um passeio pelas cartas criadas nas oficinas em ambos os territórios, buscando apontar algumas dimensões da relação com a água em cada caso, além de comentar algumas diferenças ou experiências em comum. O objetivo aqui não é fazer uma análise profunda sobre os resultados da experiência das Cartas D'água, mas oferecer um sobrevoo pelo que foi criado a partir do material amazônico em outros territórios, nesse caso desde a experiência das lutas ecoterritoriais mexicanas anteriormente mencionadas.

A oficina realizada em Tlalnepantla, Estado do México, aconteceu em 2024, na escola pública "Colegio de Bachilleres Plantel 5", a convite da professora de filosofia e humanidades Mayte Xintal. A atividade foi realizada na sala de aula da escola, com duas turmas de alunos entre 15-16 anos. O Estado do México fica na periferia da Cidade do

México, e passa por uma crise hídrica que afeta todo o Vale do México. A escola fica localizada entre os municípios de Naucalpan e Tlalnepantla, bastante afetados pela crise hídrica no Estado do México.



Figura 3: Oficina realizada junto com Mayte Xintal no Estado do México.

Fonte: Imagem da autora, 2024.

Depois de um primeiro momento introduzindo a história das Cartas e contando um pouco de como e onde elas foram feitas, as turmas foram divididas em grupos, e cada grupo tirava uma carta das Casas d'água e uma Carta-tema para debater e criar novas cartas a partir da reflexão coletiva. No final voltávamos para uma conversa geral onde um interlocutor de cada grupo contava para todos quais foram as cartas que seu grupo tinha tirado, que temas tinham trabalhado a partir delas, e que cartas tinham criado juntos. A oficina se encerrava com reflexões sobre as cartas criadas coletivamente, buscando estabelecer conexões sobre os temas que cada grupo trabalhou, debatendo as diferentes dimensões da experiência coletiva com a água que surgiam naquele contexto.

• Conseguir agua es difícil y a veces peligroso

• Administrar la poca agua que se pueda conseguir México

La comunidad se agrupa para pedir al dios chaa k(tlāloc) lluvia y mantener así sus cultivos para así subsistir, son lazos importantes que alguna vez nos unieron como Mexicanos

Cuidar el agua en casa es esencial para ahorrar recursos y ayudar al medio ambiente.

¿Qué podemos hacer para cuidarla?

1. Reparar Fugas.
2. Cerrar el grifo.
3. Duchas cortas.
4. Revisión de tuberías.
5. Reutilizar el agua.
6. Recolectar el agua de lluvia

Reutilizar el agua.

Para esto podemos poner una tina abajo de la regadera y luego con esa agua utilizarla para poder lavar el patio, igual para trapear la casa, también para bañar a los perritos, para echarle agua a las plantas.



♥ Tlaloc ♥

Tlaloc es el dios de la lluvia un dios muy importante para las culturas mexicanas.

- Era muy importante para cultivos
- Se le rezaba o pedía a este dios cuando había sequías para así no perder cultivos o más cosas.

Lo que quisimos dar
a entender es la
relación que existe
entre el agua y el amor.
Y las sensaciones
que te hace sentir.

- Puebla
- Antes en Puebla llo-
via demasiado y
eso hacía que hubi-
era mucha vegetación
y el ambiente no
era tan caluroso.
- Hoy en día es más
seco y no llueve.

En el pueblo de mi mamá en
Yahualicó, Hidalgo ay un río y
antes la gente se bañaba ay y
pesaban, pescados, camarones y
langostas, actualmente la gente
si se baña ay y está muy
limpio solo que ya no ay
pesados ni camarones.

Los humanos no debería-
mos pagar por un recurso
indispensable como es el
agua.



Realizamos estos
dibujos debido a
la gran contaminación
que se encuentra
en las aguas del
mar.

Cada vez son más
playas perdidas.
La mayoría de playas
de Veracruz tienen
tuberías conectadas
que dan salida a
desechos, directamente.

Figuras 4 - 14: Cartas criadas coletivamente na oficina realizada junto a Mayte Xintal no Estado do México. Fonte: Imagens da autora, 2024.

Surgiram nas cartas da oficina do Estado do México problemáticas em relação a água que refletem o contexto periférico e urbano de uma das maiores concentrações populacionais do México. Quer dizer, um cotidiano onde as mediações capitalistas dos corpos de água e seus fluxos se encontram em uma condição bastante avançada, com uma forte privatização da presença da água na vida das pessoas, distância e quase desaparecimento das redes e trajetos da água na vida cotidiana, contaminação dos corpos hídricos, etc.

É interessante, por exemplo, como nesse caso surge a questão da violência atrelada a água, trazendo uma dimensão de risco e perigo à relação com os corpos de água (Figura 4). O grupo que criou a carta vinculada a dificuldade e ao perigo de conseguir água no México (Figura 4) contou, no momento da conversa final, que não costumavam ir até os rios, porquê não se sabe o que se pode encontrar ali, vinculando o território do rio como um território abandonado, vazio, morto, onde pode se encontrar todo tipo de descarte, e por isso entendido também como um lugar perigoso. Temas como mercantilização (Figura 13), perigo (Figura 4), contaminação (Figura 14) foram frequentes, mas também surgiram outras relações, não tão trágicas, como na carta em que as estudantes contam sobre os sentimentos que surgem da relação com a água, destacando o amor (Figura 10).

Surgiram também vínculos históricos e comunitários com relação a água, através da presença de deuses como *Chaak* e *Tláloc* (Respectivamente figuras 5, 8 e 9), associados a chuva, a agricultura, a subsistência, e a laços de pertencimento, elementos de uma forma de coletividade parcialmente perdida. Há cartas que falam sobre transformações no clima (Figura 11) e no convívio com seres mais-que-humanos vinculados aos corpos de água, como esta que diz: "En el pueblo de mi mama en Yahualica, Hidalgo, hay un río y antes la gente se bañaba ahí y pescaban pescados, camarones y langostas, actualmente la gente si se baña ahí y esta muy limpio solo que ya no ay pescados ni camarones" (Figura 12).² A atividade, portanto, terminou trabalhando também a percepção de distâncias, perdas, fraturas e separações no que diz respeito a vida multiespecie vinculada aos corpos de água.

² "Na cidade da minha mãe, em Yahualica, Hidalgo, tem um rio e antes as pessoas se banhavam nele e pescavam peixes, camarões e lagostas, atualmente, as pessoas ainda tomam banho lá e o rio está muito limpo só que já não tem peixes nem camarões". Tradução livre.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Por fim, o conjunto das cartas realizadas no Estado do México contam sobre diferentes dimensões situadas nas formas e caminhos das relações com a água e seus muitos seres, humanos e mais-que-humanos, visíveis e invisíveis, que surgem da vida nos territórios. Em outras palavras, desde as presenças e ausências que conformam os vínculos hidrosociais, contam sobre os caminhos de interdependência desde sua especificidade.

A oficina realizada em Coatepec, Veracruz, foi diferente em muitos sentidos. Aconteceu no marco da 12ª Asamblea Comunitaria por el Agua de los Pueblos Unidos de la Cuenca la Antigua, um espaço de decisão coletiva e comunitária que vem sendo construído já a vários anos pelo coletivo Pueblos Unidos de la Cuenca Antigua por los Ríos Libres, que atua na defesa da bacia de La Antigua, em Veracruz. Se tratava, portanto, de um espaço composto por pessoas de diferentes idades já organizadas na defesa de seus territórios hídricos. Em dado momento a assembleia se dividia em diferentes mesas de trabalho, e a oficina ocorreu como uma dessas mesas, com um grupo de aproximadamente 20 adultos, sendo a maioria mulheres.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ



Figuras 15, 16 e 17: Oficina realizada na 12ª Assembleia Comunitaria por el Agua de los Pueblos Unidos de la Cuenca la Antigua. Fonte: Imagem da Autora, 2024.

Depois de uma primeira conversa, foi decidido que nas cartas em branco se criariam novas perguntas para seguir com a oficina na assembleia seguinte. A dinâmica foi a mesma da oficina do Estado do México: um primeiro momento introdutório, apresentando a proposta para o grupo todo, logo a divisão em pequenos grupos de trabalho, tirando duas cartas para serem debatidas em cada grupo, uma Casa da água e uma Carta-tema, depois um tempo para cada grupo conversar e criar novas cartas, nesse caso, novas perguntas, e um momento final de partilha e reflexão com o grupo todo.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

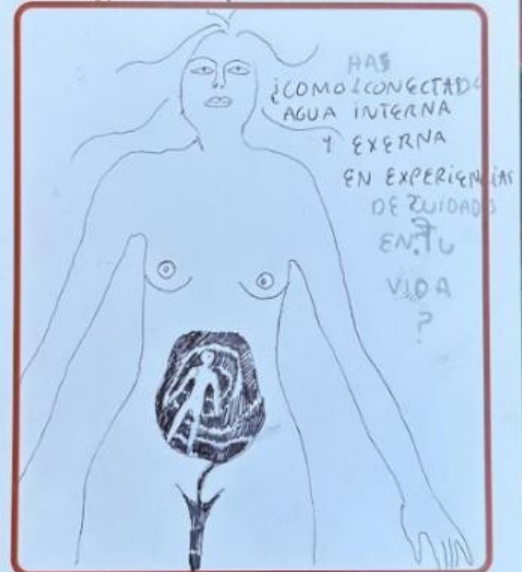
06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

¿QUE ESTAMOS HACIENDO
PARA AYUDAR O CUIDAR
QUE EL AGUA SIGA
CICLANDO POR LOS
TERRITORIOS NATURAL-
MENTE ?

Bioma-Transformación

agua-cuerpo salud



¿cómo conectar agua al agua externo e interno?
en experiencia!

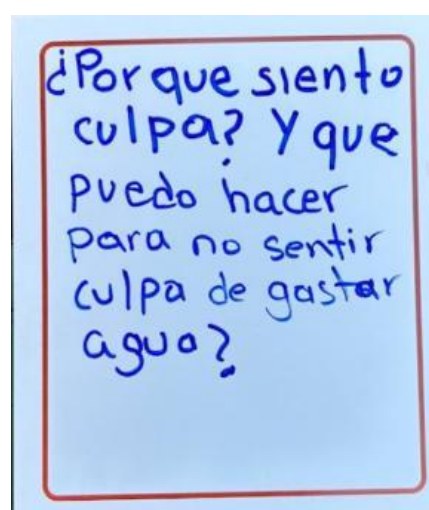
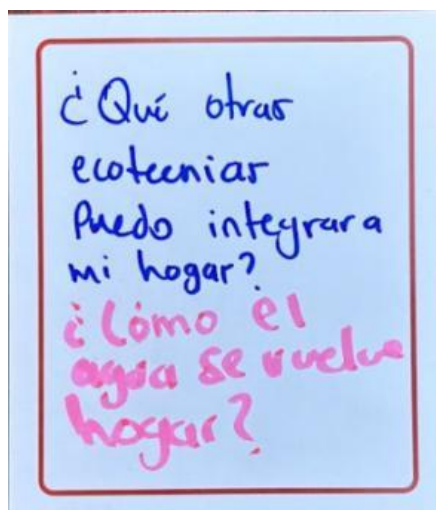
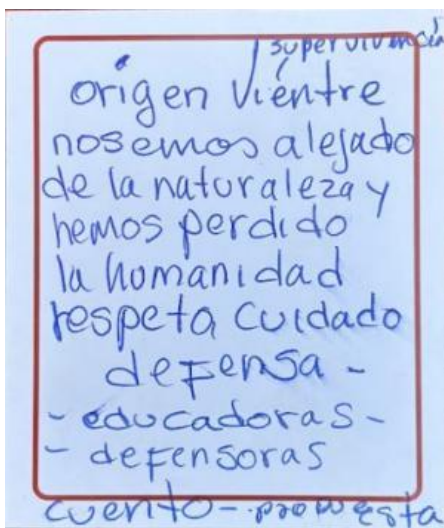
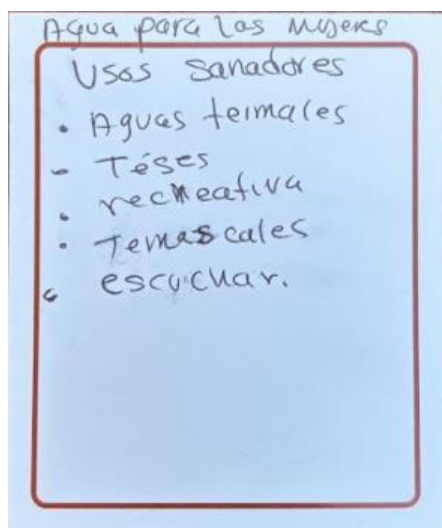
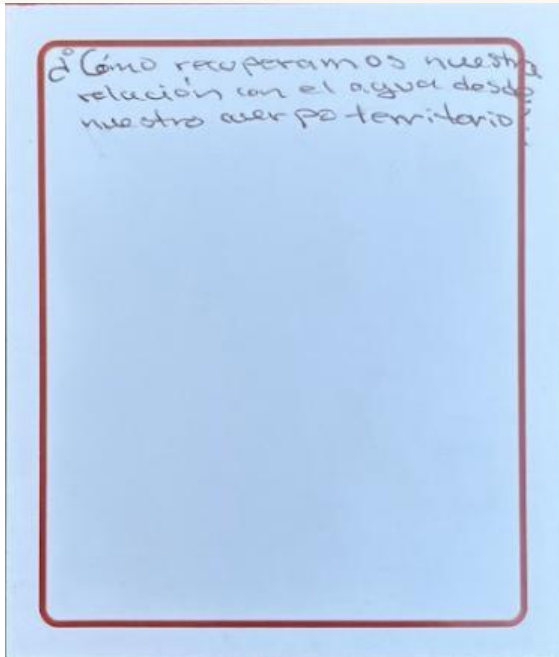
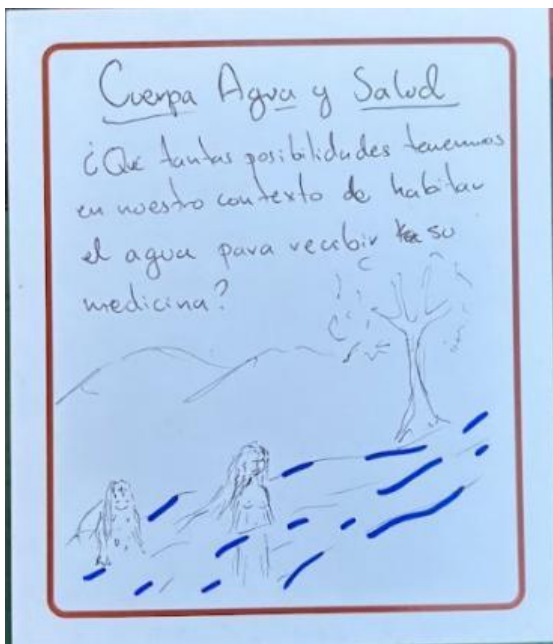
Reconstruir
el origen de la
Vida...
Mirar hacia la Montaña...
¿que Aportamos cuando
miras hacia a ella...

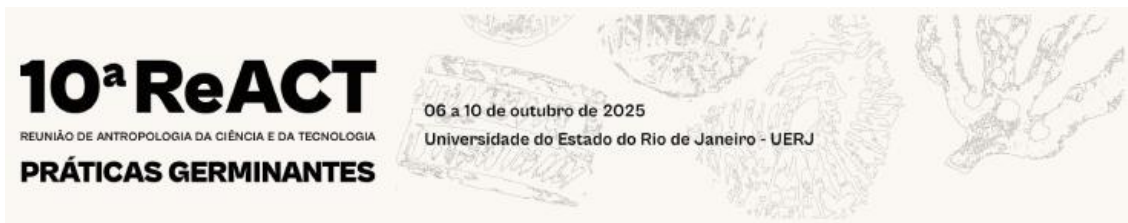
Cuerpo-Agua-Salud

¿Cuáles son los
mitos y leyendas
en tu comunidad?

¿En cuáles cosmogonías
se relaciona el agua
y el cuerpo para la
salud?

¿Sabes quien es
Choldchit/Teue?





Figuras 18 - 27: Cartas criadas coletivamente na oficina realizada em Coatepec.

Fonte: Imagens da autora, 2024.

Na oficina de Coatepec o tema do gênero esteve bem presente nas cartas criadas, com uma grande presença dos corpos e cuidados associados a relação com as águas. Além das diferenças associadas aos grupos de pessoas e lugares da oficina, é interessante que cada experiência é relativa também as cartas escolhidas na sorte, quer dizer, o conjunto de cartas tiradas em cada oficina é único. Assim, as presenças e ausências de cada experiência são também relativas às cartas que foram primeiro tiradas pelos grupos, que se refletem diretamente nas cartas em branco criadas coletivamente. Por exemplo, a questão do perigo não esteve tão presente nas discussões, seja porque a carta da violência pode não ter aparecido, ou porquê a relação mesma entre água e violência está marcada por outras experiências. Isso não impede, por exemplo, que surja tanto nas cartas criadas em Coatepec, como nas do Estado do México (mesmo que em termos diferentes em ambas as experiências), a questão das distâncias, fraturas e separações nas relações com a água e com a natureza em geral (Figuras 19, 23 e 25), assim como as referências cosmológicas (Figura 20 e 21), e os sentimentos e emoções (Figura 26 e 27).

É claro que não podemos, e nem devemos, tirar grandes e definitivas conclusões dessas diferenças, coincidências, presenças e ausências mencionadas num sobrevoo por ambas as oficinas. O que importa é observar, a partir da parcialidade, e dos limites da experiência das oficinas em si mesmas, como elas permitiram resgatar da poeira do dia a dia questões importantes de serem debatidas coletivamente, sobre os diferentes termos e caminhos de interdependência nos territórios. Assim, o foco é na especificidade da experiência, trabalhando a história dessas relações multiespecíficas em cada território, grupo de pessoas, e demais seres não-humanos envolvidos.

Um par de considerações finais

Essas pedagogias ou gestos de retomada, dotados da capacidade de reorganizar a percepção da interdependência e redirecionar as formas de atenção, configuram-se como frentes fundamentais na tarefa de conformar a vida em comum, promovendo importantes subversões à lógica de valor capitalista.

Nesse sentido, a dimensão sensível é central para vulnerabilizar a ordem das coisas. Se é certo que tornar vulnerável o pensamento é uma condição para a aprendizagem, só aprendemos, e ensinamos, quando nos tornamos vulneráveis juntos, conectando nossas práticas buscadoras, fazendo da educação e da pedagogia lugares que cultivam sensibilidades, emoções, e linguagens comuns. Ponto de partida para “poner el pensamiento en estado de rebelión” (Gago, 2022), quer dizer, ponto de partida para “caminhar perguntando” (EZLN).

As Cartas D’água, portanto, atuam de maneira concreta e sensível diante dos limites e possibilidades sobre a mesa: ao mesmo tempo em que demarcam e mapeiam as diferentes fraturas e separações características da organização capitalista da interdependência nos territórios, demarcam também a criação de caminhos de ação coletiva capazes de retomar outros vínculos de interdependência humanos e mais-que-humanos.

Referências

GAGO, Verónica. Principio Silvia Rivera Cusicanqui: fragilizar el pensamiento para hacerlo rebelde. **Revista de Estudios y Políticas de Género**, v. 6, p. 19–36, abr. 2022.

GUTIÉRREZ AGUILAR, María Raquel. **Horizontes comunitario-populares: producción de lo común más allá de las políticas estado-céntricas**. Primera edición ed. Madrid: Traficantes de Sueños, 2017.

GUTIÉRREZ, Raquel; NAVARRO, Mina; LINSALATA, Lucia. Repensar lo político, pensar lo común. Claves para la discusión. In: **Modernidades Alternativas**. [S.l.: S.n.].

HERRERO, Yayo. **Toma de tierra**. Bilbao: Caniche, 2023.

LIMA NIN, Alice. **Tejiendo insurgencias junto al Río Tapajós : interdependencia y politicidad en las luchas por la defensa de la vida en la amazonía brasileña**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2023.

LIMA NIN, Alice. La reconstrucción sensible de lo político. Pedagogías de retomada y caminos de interdependencia con el río Tapajós (Pará, Brasil). **Ecología Política**, v. 69, n. Ecología Política de Abya Yala para el mundo, p. 67–71, 2025.

LINSALATA, Lucia. ¡Nuestra lucha es por la vida! Apuntes críticos sobre la reorganización capitalista de la condición de interdependencia. **Revista Trabalho Necessário**, v. 18, n. 36, p. 44–68, 22 maio 2020.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

MARGULIS, Lynn. **Planeta Simbiótico: um novo olhar da evolução**. Tradução: Laura Neves. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Dantes Editora, 2022.

MOORE, Jason W. **El capitalismo en la trama de la vida. Ecología y acumulación de capital**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2020.

NAVARRO, Mina Lorena; GUTIÉRREZ, Raquel. Claves para pensar la interdependencia desde la ecología y los feminismos. **Bajo el Volcán**, v. 28, 2018.

NAVARRO TRUJILLO, Mina Lorena; LINSALATA, Lucía. Capitaloceno, luchas por lo común y disputas por otros términos de interdependencia en el tejido de la vida. Reflexiones desde América Latina. **Relaciones Internacionales**, n. 46, p. 81–98, 28 fev. 2021.

NEVES, Eduardo Góes. **Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central**. São Paulo: EDUSP, 2022.

OROZCO, Amaia Pérez. **Subversión feminista de la economía. Aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2014.

STENGERS, Isabelle. La propuesta cosmopolítica. **Revista Pléyade**, v. 14, p. 17–41, jul. 2014.

STENGERS, Isabelle; PIGNARRE, Philippe; GOLDSTEIN, Víctor. **La brujería capitalista prácticas para prevenirla y conjurarla**. Buenos Aires, Argentina: Hekht Libros, 2018.

SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência - pensando com Isabelle Stengers. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v. n. 69, p. 338–360, abr. 2018.

TSING, Anna. **La seta del fin del mundo**. Madrid: Capitán Swing Libros, 2021.